

Areias, 2,12,1908

Rangel:

Estou tão endividado com você que já não me animo a fazer as contas. Vamos fechar a conta velha e abrir a nova, com a entrada de 1909. Ando cheio de curiosidades_ da tua nova vida, da tua nova profissão; e se não fossem estas raízes do casamento, em vez de escrever ia ver-te. Ver-te Juiz! Ver-te Meritíssimo! Conheço-te sob todos os outros lados, menos esse_ Juiz, Magistrado! O homem que rabisca nas petições o “Como requer”_ e fatalmente o fazes piscando tres vezes. E usa oculos nessas solenidades, Juiz? Toga? A cabeleira dos ingleses_ wig? Engraçados, os ingleses. *Justice* é ao mesmo tempo *justiça* e *juiz*, ou o tratamento dado aos juizes.

Quanto a essa tua comarca do Machado, sei por informação que é um seiozinho de Abraão, mas com um grave defeito: não se ouve aí apito de trem. Eu divido o mundo em duas partes: a onde se ouve apito de trem e a onde não se ouve apito de trem. Uma é o inferno, outra é o céu. Porque quando o trem apita temos uma sensação de ave com asas; e se não ha apito de trem, a nossa sensação é de prego fincado na parede. Esta minha Areias seria um areal monazitico, se um trem apitasse por cá. Mas temos que ir a Queluz_ tres leguas em horrivel lombo de sendeiro_ para nos regalarmos com o som do apito_ o apito que anuncia S. Paulo, o Rio, a Europa, todas as tentações do mundo. E nós dois, senhor Juiz, metidos em comarcas sem apito! E quem tira os 500 contos é aquele sordido escrivuario da alfandega_ leu? Senti-me roubado. Aqueles 500 contos eram nossos. Eram as nossas asas, as nossas pernas. Para que quer ele essas asas e pernas, se mora no Rio, terra onde o trem apita? Evidentemente a Sorte é irmã da Justiça_ tem a cegueira das minhocas.

As cartas do Edgard Jordão são preciosas para quem lhe conhece os antecedentes. Edgard é a maior vitima da boniteza. Se nascesse feio como eu ou careteiro como você, era provavel que fizesse a figura dum corisco nos céus da literatura nacional. Mas como, se a boniteza não deixa?

Para neutralizar esta Areias sem apito tomei uma assinatura do *Weekly Times*, de Londres_ edição semanal em que vêm os melhores artigos do *The Times* diario, o grande, o velho, o tremendo *Times* de Londres_ e com os pés na grade da sacada injeto-me de inglês, de pensamento inglês, de politica inglesa, enquanto pela rua passam os bipedes que vão mexer a panelinha da politica local na farmacia do Quindó, meu vizinho. E tenho lido exclusivamente em inglês. O francês anda a me engulhar todas as tripas. Como cansa aquela eterna historinha dum homem que pegou a mulher do outro_ como se a vida fosse só, só, só isso! A literatura inglesa é muito mais arejada, variada, mais cheia de horizontes, arvores e bichos. Não ha tigres nem elefantes na literatura francesa, e a inglesa é

toda uma arca de Noé. Só em Kipling ha material para um tremendo jardim zoologico: Kaa, Bagheera, Shere Khan, a macacada... E ha focas e pinguins. Estou lendo *The Water-Witch* de Fenimore Cooper, um Alencar americano, mas sem idealismo.

LOBATO